

coluna do broadcast

Rebaixamento de rating da JBS pode antecipar dívidas

Um rebaixamento de rating do frigorífico JBS, como decorrência de eventual troca de controle da empresa, pode motivar a liquidação antecipada de dívidas da companhia emitidas no exterior. Essa é uma das principais cláusulas, os chamados "covenants", dos bônus da empresa, que somam cerca de US\$ 2 bilhões, com vencimentos que se estendem até 2024. A não ser que os detentores desses papéis, os chamados bondholders, aceitem um perdão pelo descumprimento da exigência, conhecido como waiver, a companhia de alimentos corre o risco de aprofundar sua crise de liquidez, uma vez que os papéis poderiam ser resgatados a 101% do valor de face.



» Controle versus gestão. No que diz respeito à alteração da gestão da JBS, que ficou em evidência após a prisão de Wesley Batista, presidente do frigorífico, é esperada ainda, conforme a escritura dos papéis, que a família controladora permaneça no comando da empresa. Essa seria uma brecha para bondholders exigirem o resgate antecipado dos bônus na Justiça dos Estados Unidos. Mas o caso é complexo, na opinião de especialistas. Apesar da pressão do seu sócio, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o que vem sendo negociado pelo frigorífico é uma transição mais lenta, que não acarrete a antecipação da dívida e não prejudique o dia a dia da empresa. Procurada, a JBS não comentou.



» De volta. O BTG Pactual prepara a sua volta ao varejo de empréstimos vendidos inadimplentes, os

chamados créditos podres. O ingresso deve ocorrer ainda em 2017, quase dois anos após vender sua joia da coroa, a Recovery, líder desse setor, ao Itaú Unibanco. O banco ainda não teria se decidido se a operação será abrigada na plataforma atual, a Enforce, que é focada em crédito corporativo e tem R\$ 30 bilhões de portfólio, ou se será segregada.

» Favorável. Com cerca de R\$ 1 bilhão em orçamento para comprar carteiras podres neste ano, dentre outros ativos, a volta do BTG ao mercado de pessoas físicas deve ocorrer em um momento favorável, apesar de a Caixa, tida como o player mais ativo, ainda estar ausente desse setor. Isso porque o Bradesco planeja ofertar mais R\$ 8 bilhões este ano e o Santander Brasil tem engendrada uma venda de cerca de R\$ 1,5 bilhão em créditos inadimplentes, além de uma operação que está na rua neste momento.

» Nunca antes. A incorporadora Melnick Even, joint venture da paulista Even no Rio Grande do Sul, entregou um resultado de vendas em um lançamento que há tempos não se via no mercado imobiliário, um dos mais atingidos pela crise no Brasil. Localizado em Porto Alegre,

o empreendimento bateu recorde ao alcançar, em apenas uma semana, 95% dos apartamentos e dos salas comerciais vendidos. Esse patamar é bem superior ao registrado pela Even no primeiro semestre, quando comercializou, em média, 22% das unidades de todos os seus empreendimentos.

» Chamarriz. O projeto de Porto Alegre é composto por um prédio com 140 apartamentos de um dormitório e por outro edifício com 168 salas comerciais. Juntos, somam R\$ 98 milhões em valor geral de vendas. Os atrativos do projeto serão a presença de um shopping center Bourbon, com supermercado Zafari, além de uma unidade do hospital Moínhos de Ventos.

» The flash. A companhia aérea Azul, que está prestes a realizar a oferta de ações mais célebre da Bolsa brasileira, já tem demanda para metade da operação. Anunciado nesta terça-feira, a aposta é de que mais investidores ingressem no follow on hoje, dia 14, data que a ação será oferecida. O preço do papel na oferta não deverá sofrer muito desconto, saindo a valor de mercado. A Azul tem dupla listagem, na B3 e na Bolsa de Nova York, e a expectativa, ao menos até aqui, é de que a oferta seja à 95% em ADRS, que são os recibos das ações, e o restante nos papéis negociados na Bolsa brasileira. A explicação para a rapidez é simples: a oferta foi estruturada pelas regras da SEC, a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) nos Estados Unidos. Procurada, a Azul não comentou.



» Lá no Sul. A assessoria de investimentos EuQueInvestir, sob o comando do ex-XP Juliano Custodio, uniu-se a outras duas catarinenses: a AKF, de Kleber Falchetti, e a Clamber, de Fabrício Tomasoni. Juntas, as três passam a assessorar R\$ 1,6 bilhão, ultrapassando a meta individual da EuQueInvestir, que nasceu como um blog e mirava seu primeiro bilhão de reais neste ano. A ambição das catarinenses, agora, é ir mais longe e chegar à marca de R\$ 10 bilhões em assessoramento em até 3 anos.

COM CIRCE BONATELLI



CELSO MING

E-MAIL: CELSO.MING@ESTADAO.COM

Recuperação sustentável?

O ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, passa ao largo ou finge que passa ao largo do impacto das novas denúncias que envolvem o presidente Temer, das novas prisões e de outros desdobramentos da Operação Lava Jato. Garante ele que a recuperação da economia é sustentável e sacana com crescimento do PIB em 2018 para até agora inimagináveis 3,0%.

Dá para apostar nesse descolamento entre crise política e crise econômica? E até que ponto os indicadores de que a recessão ficou para trás são confiáveis e devem ser levados a sério?

Ninguém ignora que a instabilidade política e o enfraquecimento do governo são fatores que tiram eficácia da política econômica e criam insegurança. Portanto, montam esquema prejudicial para os negócios e para o investimento. No entanto, seja porque a recessão foi longa e profunda demais, seja porque o brasileiro se acostumou, digamos assim, com as lambanças políticas, o fato é que, desta vez, passou a ser preciso mais do que puramente crises seguidas no governo para tirar a economia da trajetória em que está.

Em parte, esse descolamento é favorecido pela economia global que opera com crescimento lento, mas firme, em ambiente de juros baixos e enorme abundância de recursos. Alguns dos setores que beneficiam a economia das maiores potências (Estados Unidos, União Europeia, China e Japão) também estão presentes por aqui. A inflação baixa e os juros em queda estão entre eles. É também o que atira o consumo, porque uma inflação abaixo dos 3% em 12 meses preserva a renda. Não é à toa que, hoje, a maior taxa de economia está no comércio de produtos duráveis (veículos, aparelhos domésticos), sinal de volta da confiança e maior procura por crédito.

Não dá para tirar importância do excelente desempenho das contas externas. O deficit de transações correntes (entradas e saídas de moeda estrangeira com mercadorias, serviços e transferências,

PREVISÃO



» Expectativa de crescimento do PIB pelo mercado VARIAÇÃO DO PIB TOTAL ANTE MESMO SEM 2017 2018 PERÍODO DO ANO ANTERIOR

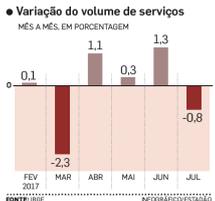
menos entrada de capitais) está se estranhando e vai sendo lançado coberto pelo Investimento Direto no País. O colchão de reservas e de US\$ 70 bilhões (25 meses de importação) não há corrido a do dólar, como nas crises do passado. Contas robustas passam segurança.

Esses elementos que dão sustentação ao anúncio de Meirelles sobre a recuperação da economia. A esta altura, apostar em 2018 apresenta um avanço do PIB próximo dos 3,0% não é ousadia demais. O PIB já caiu tanto que é mais provável que se recupere do que continue afundando.

O lado vulnerável está concentrado no Banco Fiscal. As contas públicas estão em estado lastimável. O que dá alguma esperança de reversão – não agora, mas dentro de certo tempo – é a determinação do governo de arrancar do Congresso algum nível de reforma da Previdência Social, ainda neste ano. Mas esse é o âmbito da política propriamente dita. A dívida é o que o governo Temer, na fragilidade em que se encontra, tem capacidade política para impor o seu jogo.

Há ainda os desdobramentos da Lava Jato, as surpresas do Judiciário e os tais imponderáveis com que sempre contamos anos após o senador Benedito Valadares. Mas vá saber em que pratos da balança podem ser colocados fatores assim, impossíveis de serem medidos.

CONFIRA



» Recuo nos serviços O que acontece nos serviços é importante para avaliar o comportamento da economia porque o setor tem peso superior a 70% no PIB. Os números divulgados nesta quarta-feira são de julho e mostram queda de 0,8%, em volume, em relação ao mês anterior. Esse resultado mais fraco não chega a comprometer a recuperação. O setor de serviços responde mais devagar porque está fundado no aumento da renda e está pouco exposto ao crédito. E esperar mais alguns meses para conferir como reage o setor.

Editorial Econômico

As perdas que o comércio ilegal impõe ao País

O Shopping 25 de Março, no centro de São Paulo, havia se transformado num dos principais símbolos do comércio ilegal que, estimulado pela complacência das autoridades e pela tolerância do público com esse tipo de negócio,

cresce rapidamente na cidade. Espera-se que seu fechamento por autoridades federais e municipais seja o primeiro ato de um eficaz programa de combate a esse tipo de atividade que envolve atos criminosos como a comercialização de produtos contrabandeados ou falsificados e a sonegação de impostos.

Se tiver a eficácia que dela se espera, a ação do poder público contra esses crimes contribuirá para melhorar o ambiente de negócios, ao limitar a concorrência desleal que sufoca as operações dos estabelecimentos legal-

mente constituídos e que suportam todos os encargos que incidem sobre o negócio.

Entidades que denunciam e combatem o contrabando e a falsificação de produtos pedem que, no ano passado, o Brasil perdesse R\$ 130 bilhões com essas atividades criminosas. Só de sonegação de impostos, o comércio ilegal auferiu cerca de R\$ 40 bilhões em 2016, de acordo com essas estimativas. Por isso, os estabelecimentos que operam legalmente podem oferecer preços competitivos para um público que não se preocupa

com formalidades legais e administrativas. É uma vantagem que nenhuma empresa que opera na legalidade conseguirá eliminar.

A Receita Federal, que coordenou os trabalhos de fechamento do shopping da Rua 25 de Março – principal polo do comércio popular da capital paulista, que em dias especiais recebe milhares de consumidores –, adverte que, além do crime fiscal e da concorrência desleal, o tipo de comércio que ali se pratica alimenta esquemas de lavagem de dinheiro e de corrupção. Dada a expansão dessas atividades

na cidade, dirigentes de entidades que combatem o contrabando e a venda de produtos falsificados consideram que São Paulo se tornou um importante centro de distribuição do comércio ilegal no País. Além da Rua 25 de Março, outros pontos de venda de produtos ilegais são conhecidos do público – o, obviamente, das autoridades responsáveis por combater essas atividades –, como as feiras que se realizam no Brás e no Bom Retiro. A Rua Santa Ifigênia também é apontada com frequência como local onde esse tipo de comércio é praticado.

broadcast mercados

Table with 3 columns: Index, RS Var.%, Neg. (Ibovespa, B3, etc.)

Table with 3 columns: Index, RS Var.%, Neg. (Mais baixas do Ibovespa)

Table with 3 columns: Index, RS Var.%, Neg. (TRT/TP Poupança/Poupança Sete)

Table with 3 columns: Index, Difer. Mens. Anual (No mundo)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (Tesouro Direto)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (Tesouro IPCA)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (Inflação)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (INSS)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (CDB - CDI)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (Agrícolas - Mercado Futuro)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (Agrícolas - Mercado Futuro)

Table with 3 columns: Index, Var. Mens. (Moedas e Commodities)

